A CRISE DE 1974/75 SOB A ÓTICA DA TEORIA DAS ONDAS LONGAS DE ERNEST MANDEL

Juliana Arouche Costa[1]

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o desenvolvimento do capitalismo contemporâneo a partir da crise econômica que ocorreu nos anos 1974/75, sob a ótica da teoria das ondas longas de Ernest Mandel. Além de Marx, Mandel, em sua proposta, resgata as primeiras formulações concebidas por Kondratieff e Trosky. A interpretação mandeliana afirma que a crise de 1974/75 foi uma clássica crise de superprodução da fase recessiva da quarta onda longa iniciada nos anos 1940, que atingiu de forma generalizada os países imperialistas, marcada pela queda da taxa de lucros e pela elevação da ociosidade da capacidade produtiva, somadas às lutas de classes.

Palavras-chave: Mandel, teoria das ondas longas, crise.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the economic crisis that occurred in the years 1974/75, its causes and consequences, from the perspective of Ernest Mandel's long wave theory. In addition to Marx, Mandel, in his proposal, rescues the first formulations conceived by Kondratieff and Trosky. The Mandelian interpretation states that the 1974/75 crisis was a classic crisis of overproduction of the recessive phase of the fourth long wave that began in the 1940s, which affected the imperialist countries in a generalized manner, marked by a fall in the rate of profits and an increase in idleness. productive capacity, added to class struggles.

Keywords: Mandel. Long waves theory, crisis.

[1] Economista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico-UFMA. E-mail: juliana.arouche@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Desde os seus primórdios, o sistema de produção capitalista configura-se de modo a apresentar, de tempos em tempos, crises, como já é de sua essência. Essas crises, que não são independentes, mas inerentes ao próprio sistema capitalista, apresentam-se como crises de superprodução. Essas crises resultam da combinação de todas as contradições do sistema capitalista e expressão do movimento cíclico da taxa média de lucro.

Assim, uma ascensão econômica se dar, sobretudo, por uma alta da taxa de lucros – resultado de uma combinação único de diversos fatores – que expande o mercado. Ao longo do processo, há um aumento da composição orgânica do capital e um relativo excesso de mercadores que não encontram saídas. A associação desses dois fatores reduz a taxa de lucros e contrai o mercado, assim, os investimentos reduzem, o capital se desvaloriza e o desemprego sobe. Esse movimento contraditório da taxa de lucro resulta, portanto, em uma crise de superprodução.

Essas contradições peculiares do sistema capitalista surgem do antagonismo entre valor de uso e valor de troca, da limitação do consumo das massas que aumenta a ociosidade da produção, e da própria concorrência capitalista que, ao impulso de obtenção de superlucros, impede as firmas de baixarem os investimentos ao primeiro sinal de capacidade em excesso (MANDEL, 1982).

A crise que ocorreu nos anos de 1974/75, foi uma clássica crise de superprodução, que teve como traços principais o declínio da taxa média dos lucros e a expansão da capacidade ociosa da indústria, que foram acontecimentos que se iniciaram antes do choque do petróleo de 1973, e que marcaram o início da fase recessiva da quarta onda longa descrita por Mandel.

O resgate à teoria sobre as ondas longas de Mandel constitui um importante meio para analisar as crises, sobretudo, a que ocorreu na década de 70, objeto do presente estudo. Para o desenvolvimento deste estudo, foi feita uma pesquisa bibliográfica acerca do tema, consultando os principais trabalhos feitos por Mandel (1982), Mandel (1990), Katz (2001) e Granados (2003).

O objetivo fundamental do presente trabalho é fazer uma análise da natureza da crise dos anos 74/75 sob a interpretação mandeliana da existência de ondas longas do desenvolvimento do capitalismo, além disso, pretende-se analisar as causas e desdobramentos dessa crise na economia. Para tanto, este artigo está dividido em quatro partes, a começar por esta introdução. A segunda parte faz um breve resumo da teoria das ondas longas de Mandel e seus referenciais teóricos. Na terceira seção, faz-se uma discussão da crise de 1974 sob a ótica mandeliana das ondas longas. E por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 AS ONDAS LONGAS DE ERNEST MANDEL

Ernest Mandel, militante desde muito cedo em movimentos sociais e políticos, também passou grande parte de sua vida a dedicar-se aos estudos da Economia Política. Foi um economista marxista, um trotskista e, portanto, leninista. Partindo das ideias de Vladimir Lênin sobre o imperialismo, Mandel tenta analisar os fenômenos da economia da segunda metade do século XX através de instrumentos e categorias do marxismo (GRANADOS, 2003).

Mandel “pensa com as categorias clássicas do marxismo” (SILVA, 2012, p. 6), porém, a categoria “crise econômica”, em suas mãos ganha uma nova interpretação, isso porque o autor entende esta categoria em seus diversos níveis de determinação, isto é, para ele, as crises não possuem uma única causa, mas elas são a síntese de muitas determinações, que se configuram em dois fenômenos: a queda da taxa de lucro e a superprodução, ambos associados às lutas de classe (ARAUJO, 2014).

Mandel faz parte de uma linha de interpretação de autores marxistas, chamada de pluricausalidade das crises, que leva em consideração que as crises do capitalismo possuem diferentes causas em diferentes períodos da história. Interpretação muitas vezes contestada por outros autores marxistas que defendem a explicação monocausal, isto é, que as crises possuem uma única causa, e que é somente relacionada a queda tendencial da taxa de lucro.

Uma das principais contribuições de Mandel, além da reformulação do conceito de capitalismo tardio, foi a sua teoria das ondas longas do desenvolvimento capitalista,

que trata justamente dos períodos históricos do capitalismo tanto de expansão quanto de retração da acumulação do capital. O intuito de Mandel, através da teoria das ondas longas, é analisar as fases históricas e o processo de construção e reconstrução do capitalismo, e com isso explicar as causas e desdobramentos das crises.

Ele se debruça, através dessa ótica, explicar as causas da recuperação econômica e da estabilidade política e social do período que sucede a Segunda Guerra, que se traduziu em baixo desemprego e crescimento do poder de compra, acontecimentos que contrariavam a previsão dos economistas da época sobre um colapso da economia e empobrecimento do proletariado.

2.1 Influências teóricas

Apesar de já existirem estudos mais antigos sobre períodos de regularidade maior do que o ciclo industrial analisado por Marx, Mandel, em sua proposta da teoria das ondas longas, resgata as primeiras formulações concebidas por um economista russo, Nikolai Kondratieff (1892-1938), sobre a teria dos ciclos longos, conhecida atualmente como os Ciclos de Kondratieff.

> Kondratieff había recopilado evidencias empíricas para demostrar la existencia de sucesivos ciclos económicos expansivos y contractivos de 25 años, que explicaba como un efecto del tiempo de maduración de las grandes inversiones. Sus partidarios subrayaban la consistência de estos indicadores y la compatibilidad de este enfoque con la teoría del ciclo de Marx, mientras que sus críticos puntualizaban la fragilidad empírica del planteo y su familiaridade con la concepción marshaliana del equilíbrio. (KATZ, 2008, p. 18).

Kondratieff observou que, em distintos períodos da história, determinados indicadores econômicos (níveis de preços, taxas de juros, salários, poupança e outros) apresentavam certo padrão de oscilação, que ora cresciam ora declinavam, o que indicava a existência de movimentos sob a forma de ondas, que apresentavam ora uma fase ascendente ora uma fase descendente e com duração de aproximadamente 50 anos. Kondratieff, além de concordar com a existência das ondas longas, acreditava que elas possuíam um caráter cíclico, isso porque, para ele,

as ondas apresentavam uma regularidade maior que os ciclos de negócios (MAGNANI, 2018).

Kondratieff acreditava que os ciclos econômicos eram condicionados por fatores exclusivamente econômicos e dependiam do tempo de maturação dos investimentos. Assim, ele explica as flutuações das ondas longas da seguinte forma: a fase ascendente da onda longa seria explicada pelo aumento do fundo de bens de capital básicos, para isso eram necessários aumento da poupança, maior oferta de capitais a taxas baixas, mercado de capitais e sistema de crédito consolidados e queda dos preços (MAGNANI, 2018). A consolidação desse cenário ocasionaria na queda dos fundos emprestáveis devido à grande demanda por investimentos, a taxa de juros e os preços dos bens de capital aumentariam, o que reduziria os investimentos de longo prazo. A atividade econômica cairia, o que reduziria o nível de preços, e assim se daria início a fase descendente da onda.

Outro autor que Mandel toma como referência é León Trotsky (1879-1940), que se diferencia de Kondratieff em diversos aspectos, enquanto este defendia o caráter endógeno das ondas, como resultado da dinâmica interna de acumulação, aquele acreditava que os fatores exógenos determinavam os ciclos, tais como conquista de novos territórios, descobrimento de novas fontes de recursos naturais e ainda as guerras e revoluções.

> La hipótesis de Trotsky fue diferente: no aceptó ni tampoco desechó la tesis de Kondratieff y sólo indicó que períodos largos de auge y declinación económica debían estudiarse como “curvas del desarrollo capitalista”. Por eso diagramó un esquema tentativo de estas fases y aclaró que la teoría del ciclo no servía de explicación, porque en los procesos de larga duración influyen decisivamente acontecimientos sociales e históricos de gran envergadura, como por ejemplo, las guerras, los inventos o los descubrimientos de oro. (KATZ, 2008, p. 18).

2.2 Funcionamento das ondas longas

Mandel já se distancia – porém, não muito – de Kondratieff e Troksty ao defender que as ondas são resultantes de fatores endógenos e exógenos ao processo de acumulação. A tentativa de Mandel é relacionar quais os fatores que podem influenciar a taxa de lucro. Esses fatores, tais como queda brusca no custo de

matérias-primas, rápida expansão do mercado mundial, novos campos para investimento do capital acumulado, fortes alterações na taxa de mais-valia, guerras e revoluções, influenciam o processo de valorização e acumulação do capital. O que se pode concluir disso é que, para Mandel, as ondas longas nada mais são do que o resultado do movimento de variação de longo prazo da taxa de lucro, que dita o ritmo de acumulação do capital, se acelerado ou lento.

As ondas longas de Mandel possuem duas fases distintas e complementares. Na primeira fase caracterizada como “onda longa com tonalidade expansionista”, se há uma revolução da tecnologia em que novas fontes de energia são descobertas e novos meios de produção são criados através de novos tipos de máquinas e motores, e novos locais de produção são construídos. Essa fase tem como características principais: uma ampliada taxa de lucros; acumulação e crescimento acelerados; auto expansão acelerada do capital anteriormente ocioso e desvalorização acelerada do capital antes investido no Departamento I (produção de elementos do capital constante), mas agora obsoleto (MANDEL, 1982).

Porém, para o surgimento da resolução tecnológica, ocorre antes um repentino aumento da taxa de lucro. Esse aumento é o produto de uma série de fatores, dos quais Mandel (1982) destaca quatro: queda súbita da composição orgânica do capital, aumento repentino da taxa de mais-valia, queda súbita dos preços dos componentes do capital constante e diminuição do tempo de rotação do capital circulante. Esse aumento da taxa de lucros leva a um aumento massivo de investimentos de capital, antes ociosos e fora da esfera produtiva, e uma acelerada acumulação de capital se inicia, estimulando o surgimento de inovações tecnológicas, tornando possível uma revolução maciça e universal na produção de tecnologias.

Esse processo persiste até o ponto que a revolução tecnológica se difunde e alcança todos os setores industriais da economia, esgotando as oportunidades para investimento, iniciando assim a segunda fase caracterizada como “onda longa com tonalidade de estagnação”. Nessa fase, a força atuante sobre a acumulação no Departamento I desvai-se, tornando difícil assegurar a valorização da massa total de capital acumulado. Simultaneamente, o avanço tecnológico, que aumenta a produtividade do trabalho, resulta em um aumento da composição orgânica do capital.

Em consequência, essa fase se caracteriza pela queda da taxa de lucros, acumulação e crescimento desacelerados, dificuldades maiores na valorização do capital e aumento do capital ocioso.

Importante destacar que apesar do fator tecnológico ser característica do início das ondas, as inovações entram na análise de Mandel não como fator de propulsão de desenvolvimento – como acredita Schumpeter – mas como decorrência da ação dos fatores que influenciam a alta repentina da taxa de lucro e que abrem caminho para o surgimento de novas tecnológicas, uma vez implantadas, elas dão suporte para a taxa de lucro continuar se expandindo, até o momento que esse processo se esgota e a taxa de lucro entra em queda. Na fase de estagnação da onda longa, novas formas de organização do trabalho começam a surgir e novas tecnologias são preparadas para darem suporte ao início da próxima onda.

Outro elemento importante na análise da determinação das ondas longas, além do papel da taxa de lucro, é a luta de classes. Mandel destaca que “cuando la clase capitalista logra estabilizar su domínio mediante derrotas significativas de la clase trabajadora reaparece la “confianza” y se crea el marco adecuado para el inicio de largos períodos de crecimiento” (KATZ, 2008, p. 19). Assim, o enfraquecimento da classe operária e sua superexploração pela classe capitalista marca a fase de ascensão da onda longa, que permite uma elevada taxa de mais-valia que se traduz em uma elevada taxa de lucro.

A esse elemento, definido como um impacto político-social, Mandel atribui um caráter exógeno. Portanto, a origem da fase ascendente da onda longa é exógena enquanto a origem da fase descendente é endógena (composição orgânica, distribuição de capital fixo e circulante, taxa de capital, taxa de acumulação, rotação de capital e relações entre o setor I e II) (KATZ, 2008).

3 A CRISE DOS ANOS 70: INÍCIO DE UMA ONDA LONGA RECESSIVA

A crise dos anos 1970 foi início da fase da onda longa com tonalidade de estagnação. Cabe, antes, descrever o início da sua fase expansionista da quarta e última onda longa da história do capitalismo identificada por Mandel.

3.1 Quarta onda longa: fase expansionista

A onda longa, da qual este trabalho se refere, coincide com a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e tem início a partir dos anos 1940 na América do Norte e nos outros países imperialistas em 1945/48, sendo caracterizada pelo aparelhamento eletrônico das máquinas, e pelo uso da energia nuclear. Período marcado pela terceira revolução industrial (MANDEL, 1982).

Nesse período, dois fatores que são comuns foram decisivos para impulsar a economia. O primeiro fator foi o enfraquecimento da classe operária após inúmeras derrotas para o fascismo e a própria guerra que elevaram o nível de exploração e, assim, elevaram a taxa de mais-valia. O segundo fator foi o aumento dos investimentos e da acumulação de capital que impulsou a introdução de inovações e reduziu o tempo de rotação do capital fixo, levando a uma expansão do mercado e o aumento da reprodução de capital em escala internacional (MANDEL, 2008, p. 311).

A revolução tecnológica, no primeiro momento, reduziu os custos do capital constante contribuindo para expansão dos investimentos, através da introdução em larga escala do capital na produção de matérias-primas utilizando tecnologia avançada com intuito de diminuir os custos, além disso, houve um forte declínio dos custos com salários no preço de custo das mercadorias. Esse conjunto de fatores contribuíram para expansão da quarta onda longa e o surgimento do capitalismo tardio.

No segundo momento, esse processo começa a apresentar sinais de esgotamento, resultando na elevação da composição orgânica do capital. O súbito aumento da taxa de mais-valia impulsionado pela superexploração do operário pelo fascismo nas décadas de 1930 e 40, já não consegue manter o ritmo acelerado na década de 50 e 60.

Nessa fase expansionista da quarta onda há algumas especificidades. O desenvolvimento do Estado burguês, tomando um caráter subvencionista, foi fundamental para controlar os ciclos industriais, ele amplia suas funções conforme a necessidade do capital, seja para criar condições favoráveis para a produção, seja

para reduzir os custos salariais. A economia de guerra favoreceu o surgimento do Departamento III voltado para a produção armamentista, importante setor que absorveu grande parte do capital excedente dos demais Departamento, que antes encontrava-se ocioso.

A expansão do crédito pelos bancos e a emissão de moeda pelo Estado burguês constituíram as principais formas de controlar os ciclos industriais, que já começavam a apresentar na década de 1950, sinais de esgotamento do processo de expansão da mais-valia. O resultado disso a longo prazo levou a uma inflação permanente. Por outro lado, no curto prazo, a expansão do crédito financiado pela elevação da inflação possibilitou que os preços não caíssem tão rapidamente, impedindo uma desvalorização maior do capital.

Mandel afirma que esse período de ascensão da quarta onda longa apesar de ter sido marcado pela automação e pela utilização gradual da energia nuclear características da terceira revolução tecnológica, o que de fato dominou nesta fase expansionista ainda foi a consolidação das inovações da segunda revolução tecnológica que impulsou a expansão das indústrias do setor de bens duráveis de consumo, principalmente a indústria automobilística, de armamentos, de produtos petroquímicos, de máquinas e equipamentos para a agricultura.

3.2 Quarta onda longa: fase recessiva e a crise de 1974/75

A fase expansionista da quarta onda encontra seu ponto de inflexão para a fase recessiva ao final da década de 1960, esse processo foi marcado por uma redução de longo prazo do exército industrial de reserva, pelo aumento da composição orgânica do capital, e pela criação de dinheiro, de forma inflacionária, com intuito de evitar as crises de superprodução. Além disso, Mandel (1982) cita outros motivos para a transição para a fase recessiva, tais como: queda dos superlucros, em consequência da generalização da revolução tecnológica e as maiores dificuldades em reduzir o tempo de rotação do capital.

Durante a fase expansionista, a capacidade produtiva cresceu bem mais que a capacidade aquisitiva dos consumidores finais, resultando em crises de

superprodução pelos países. A classe trabalhadora passa a se fortalecer e ter uma maior mobilização, através da formação de sindicatos, exigindo maiores salários, o que dificulta o aumento da taxa de mais-valia.

No início dos anos 1970, portanto, eclodem os sinais de esgotamento e de estagnação do processo de estratégias que possibilitaram o aumento das taxas de lucros e a ampla expansão da economia capitalista, e claramente não deixou margem para as condições favoráveis de outrora à expansão ininterrupta do capital pudessem ser reproduzidas, desencadeando um cenário crítico e irreversível desde dessa década até os dias atuais.

O início da segunda fase da quarta onda ocorre em momentos diferentes pelas economias imperialistas: nos Estados Unidos deu-se início em 1960; França, 1962; Itália, 1963; Japão, 1965; Alemanha, 1966/67; Grã-Bretanha, 1970/71; novamente na Itália em 1971. Entretanto, foi em 1974 e 1975 que o mundo viu uma recessão em escala mundial.

Entre 1974 e 1975, a economia internacional capitalista experimentou uma recessão generalizada, sendo a única, desde a Segunda Guerra Mundial a atacar, de forma simultânea, todos os países imperialistas (MANDEL, 1990). Foi generalizada e simultânea devido a sincronização internacional dos ciclos industriais dos principais países imperialistas que implicou em uma recessão e contração da atividade econômica mundial como todo. Ela tem suas raízes na fase expansionista da quarta onda, como já vimos, sobretudo, nas formas de estabilização dos ciclos industriais praticados pelos bancos e Estados capitalistas através da expansão do crédito e da moeda via inflação.

> Quanto mais profundas e generalizadas são as recessões, tanto maior é a injeção de crédito e a expansão da oferta de dinheiro bancário necessárias para impedir que essas recessões deteriorem em depressões de larga escala – e com isso torna-se muito mais agudo o perigo de que a inflação e a especulação escapem do controle do Estado burguês e precipitem um pânico bancário e o colapso de todo o sistema financeiro. (MANDEL, 1982, p. 329).

E foi justamente o que ocorreu, a aplicação repetida dessas técnicas anticíclicas acelerou o processo inflacionário nos países imperialistas, levando ao desmoronamento do sistema internacional monetário, obrigando os países imperialistas a adotarem medidas de contenção inflacionária. Se antes os cada país

adotava essas técnicas de expansão do crédito conforme suas necessidades, após o estourou da inflação, os países tiveram que ao mesmo tempo, seja por meio da coerção competitiva, combaterem a inflação.

Ao analisar os principais indicadores econômicos no período da fase recessiva, Mandel (1990) destaca o descompasso entre a redução da produção industrial e o alto volume de desemprego ocasionado pela recessão. Para se ter uma noção da conjuntura da época, entre 1973 e 1975, os Estados Unidos, Japão, Alemanha e Grã-Bretanha tiveram uma queda de 14,4%, 19,8%, 11,8% e 10,1%, respectivamente.

Em relação ao desemprego, a soma de desempregados nos países imperialistas era de 10 milhões em 1969/71 e caiu para 17 milhões de desempregos em 1975/76. Essa queda mais acentuada, para Mandel (1990), foi decorrência da terceira revolução industrial que ao aumentar a produtividade do trabalho diminuiu o trabalho vivo nas indústrias, e do aumento do exército industrial de reserva ao incluir mulheres, jovens e imigrantes, que, muitas vezes, submetidos a trabalhos precários e mal pagos que no período de recessão foram os primeiros a serem expulsos do processo de produção. “Devem ser levadas em conta, entre outros aspectos, as consideráveis flutuações no emprego feminino e de jovens menores de 21 anos que, juntamente com os trabalhadores estrangeiros, atuam como amortecedores na reconstituição desse exército de reserva” (MANDEL, 1982, p. 127).

Se o período expansionista é marcado pela expansão dos mercados a partir da elevação dos investimentos, no período de recessão já ocorre o contrário. A contração do comércio mundial foi traduzida na queda, já em curso, mas aprofundado durante a crise, do volume e do valor das exportações de vários países imperialistas. Essa contração é, primeiro, produto direto da recessão em consequência da queda da demanda global dos países; segundo, ela é produto indireto, na medida em que os recursos em dívida dos países exportadores são reduzidos pela queda das exportações; e terceiro, foi resultado de políticas protecionistas, desfaçadas de política de contenção das importações.

Além disso, como toda crise do capitalismo, a crise de 1974/75 foi uma clássica crise de superprodução. Como tal, ela foi consequência de uma fase de queda gradativa da taxa média de lucros que não tem nada a ver com a o choque de petróleo

em 1973. A exemplo dos Estados Unidos, desde a eclosão da fase recessiva até 1973, a taxa de lucro líquido saiu de 8,3% para 5,4% e entre 1974 e 1975, os lucros líquidos tiveram uma queda de 25%.

Outro elemento dessa crise de superprodução foi a elevação gradual da capacidade ociosa da indústria, como resultado do descompasso entre o crescimento mais rápido da capacidade produtiva e a capacidade aquisitiva dos consumidores finais. Tomando o exemplo dos Estados Unidos, em 1966, a taxa de utilização da capacidade de produção da indústria era de 92%, já no início do ano de 1975, a taxa caiu para 65%.

A inversão da fase expansionista para a recessiva na quarta onda tem sua origem na luta de classes. Na fase expansionista, como já vimos, a superexploração da classe operária permitiu uma elevada expropriação da mais-valia, o que resultou em um ambiente favorável para a reprodução ampliada do capital, que, por sua vez, impulsionou a revolução tecnológica. Essas condições foram favoráveis para elevar o nível de vida dos trabalhadores e para atingir o pleno emprego, contribuindo para o fortalecimento da classe operária através dos sindicatos, o que resultou em pressões salariais. A partir de então se tornava mais difícil a elevação da taxa de exploração do trabalhador para compensar o aumento da composição orgânica do capital, que tem como consequência a queda da taxa de lucros.

> Nessa intensificação da luta de classes [a partir dos anos 60], o capital não tem chance de assegurar um acréscimo efetivo na taxa de mais-valia (...) enquanto as próprias condições do mercado de trabalho modificarem ‘a relação de forças dos combatentes’ em favor do proletariado. Em consequência, a expansão do exército industrial de reserva se tornou atualmente um instrumento deliberado de política econômica em benefício do capital (MANDEL, 1982, p. 127).

Para Mandel, o que tornou a situação tão agravante para o capitalismo foi a coincidência da recessão generalizada com um nível alto de organização da classe proletária, e a fraqueza política do Estado burguês. Essa coincidência, na verdade, resulta do processo de evolução econômica, política e social. “É, portanto, extremamente improvável que a economia capitalista possa reencontrar, antes que se passe um longo tempo, as taxas de crescimento das quais ela havia usufruído nos anos 50 e 70” (MANDEL, 1990, p. 77).

3 CONCLUSÃO

A recessão de 1974/75, como todas as grandes crises do sistema capitalista é a manifestação material de que é impossível sustentar uma exploração contínua e ascendente da mais-valia suficiente para saciar a sede da crescente massa de capitais excedentes. As crises de superprodução são produzidas por uma combinação das contradições do capitalismo que desaguam no movimento de flutuação da taxa de lucro.

Assim, a recessão generalizada, como ficou conhecida a crise de 1974/75, como produto da sincronização dos ciclos industriais nos países capitalistas, ficou marcada pelos seus altos níveis de inflação, elevado grau capacidade ociosa da produção industrial e aumento do nível de desemprego, que impactaram de forma negativa a economia, sobretudo, no campo social. O custo de vida aumentou sobremaneira nesse período de recessão da quarta onda longa, o que significou uma redução drástica do poder de compra das massas, e em consequência, seu empobrecimento.

É certo que a fase recessiva iniciou na década de 1960, com aparecimento de crises nas décadas de 70 a 80. De acordo com Mandel, a duração média das ondas longas é de 50 anos, portanto, a quarta onda longa deveria ter se encerrado no final da década de 90, e de fato, depois que a crise se instaurou no final da década de 60 e aprofundou nos anos 70 e 80, a economia passou por duas décadas de crescimento da quantidade de capitais a nível global disputando pela apropriação de mais-valia, porém, dizer que essa fase recessiva se encerrou não é tão certo quando se analisa a taxa de lucros, no período posterior, como analisou Dantas (2009):

> A taxa de lucro média, para além de suas oscilações conjunturais, sofre uma trajetória de queda histórica desde o fim dos anos 60. A despeito das diferenças decorrentes das diversas modalidades de cálculo adotadas nesses estudos, todos eles convergem em apontar que, depois de um forte crescimento nos anos do pós-guerra até 1967, uma tendência de queda até 1980, uma recuperação irregular até 2000, seguida de nova queda e de uma nova recuperação entre 2003 e 2005, desde 2006 a taxa de lucro entrou em queda livre. A taxa de lucro em 2004 não só era bem menor que em 1967, mas também menor que o pico da taxa de lucro nos anos 90, que jamais

> chegou a se aproximar dos níveis atingidos no longo período de crescimento do pós-guerra. (DANTAS, 2009, p. 63).

Conclui-se, então, que desde a década de 1960, as fases de crescimento do capitalismo têm apresentado períodos mais curtos de duração e com intensidades menores se comparado com períodos anteriores, e a taxa de lucro não consegue permanecer com uma mesma trajetória ascendente, entrando, como Dantas (2009) afirma, em um ponto de inflexão histórica, em que mesmo as causas contrariantes citadas por Marx[2], não surtem mais efeito para retardar os determinantes da lei tendencial da queda da taxa de lucro.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, P. H. F. Mandel e as crises econômicas. **Revista Soc. bras**. **Economia Política**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 106-122, outubro 2014.

DANTAS, R. A grande crise do capital. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 47-72, 2009. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/82984. Acesso em: 8 fev. 2021.

GRANADOS, J A. T. Katz, Mandel, Mattick, ondas largas y fluctuaciones cortas. **Revista Soc. bras. Economia Política**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 59-75, dezembro 2003

Katz, Claudio. Ernest Mandel y la teoría de las ondas largas (Fundamentos y Debate). **Revista Mundo Siglo XXI**, México, n. 14. p. 17-31, maio 2008.

MAGNANI, Leonne Augusto Coelho. Ciclos ou ondas longas? O tratamento das flutuações de temporalidade longa em Kondratieff, Schumpeter e Mandel. Uberlândia. 2018. 114 f. **Dissertação** (Mestrado em Economia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MANDEL, E. **A crise do capital: os fatos e sua interpretação marxista**. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

[2] As causas contrariantes citadas por Marx estão: a elevação do grau de exploração do trabalho, compressão do salário abaixo do valor, barateamento dos elementos do capital constante, superpopulação relativa, comércio exterior e aumento do capital por ações. (MARX, K. O Capital, Livro III, Terceira Parte).

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro III, tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SILVA, Aristóteles de Almeida. O capitalismo tardio e sua crise: estudo das interpretações de Ernest Mandel e a de Jürgen Habermas. 2012. 147 p. **Dissertação** (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.